

ATAS IV E V JORNADAS INTERNACIONAIS DO MIAA

*museu ibérico
de arqueologia e arte
de abrantés*

CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES
NOVEMBRO DE 2015

Alameda
n.º 87



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Atas das IV e V Jornadas Internacionais do MIAA
Museu Ibérico de Arqueologia e Arte de Abrantes

AUTORIA

Câmara Municipal de Abrantes
Davide Delfino
Gustavo Portocarrero

DESIGN

Gabinete de Comunicação
Câmara Municipal de Abrantes

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Abrantes
2015

ISBN

978-972-9133-50-3

resultados da primeira e segunda campanha de escavações arqueológicas no castelo de abrantés em 2013 e 2014, no âmbito do plano nacional de trabalhos arqueológicos castab.

GUSTAVO PORTOCARRERO

CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES – PROJETO MIAA
CIEBA – FACULDADE DE BELAS-ARTES
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

FILOMENA GASPAR

CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES

DAVIDE DELFINO

CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES – PROJETO MIAA
INSTITUTO TERRA E MEMÓRIA
GRUPO QUATERNÁRIO E PRÉ-HISTÓRIA
DO CENTRO DE GEOCIÊNCIAS

RESUMO

Neste artigo, apresenta-se os resultados das duas primeiras campanhas de escavações arqueológicas no castelo de Abrantes que decorreram em 2013 e 2014 no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos CASTAB, que tem duração prevista até 2016, e pelo qual se pretende conhecer melhor a evolução da ocupação humana deste espaço.

Palavras-chave: idade do bronze; orientalizante; islâmico; medieval; moderno.

ABSTRACT

In this article, the results of the first two campaigns of archaeological excavations in the castle of Abrantes in 2013 and 2014 in the scope of the National Plan of Archaeological Works CASTAB are presented. The archaeological works are scheduled to last until 2016 and their main purpose is to understand better the evolution of the human occupation of this space

Keywords: Bronze Age; Orientalizing; Islamic; Medieval; Modern.

INTRODUÇÃO

O morro onde se situa o Castelo de Abrantes tem tido uma longa história de ocupação humana desde pelo menos a Idade do Bronze até aos nossos dias.

Ao longo do século XX têm sido feitos alguns achados neste espaço que têm mostrado vestígios arqueológicos dos últimos 3000 anos, pelo que estamos assim perante um espaço de importância primordial para um melhor conhecimento da história de Abrantes.

Apesar destes achados, a verdade é que se conhece muito mal a evolução da ocupação humana deste espaço, dado que o material recolhido resultou de achados fortuitos ou de algumas sondagens arqueológicas pouco esclarecedoras. Acrescenta-se a isso uma quase ausência de documentação histórica.

Como tal, teve início no ano de 2013, um projecto de investigação arqueológica com uma duração de 4 anos e inserido no Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos com o acrónimo CASTAB — *Evolução da ocupação humana de um espaço: intervenção arqueológica no castelo de Abrantes*. Com este projeto pretende-se efetuar uma intervenção arqueológica no interior do castelo para se poder perceber melhor as dinâmicas de ocupação deste espaço pelos diversos grupos humanos que aqui se instalaram.

A metodologia desta intervenção basear-se-á na realização de um conjunto de sondagens em diversas áreas do castelo e na identificação das fases construtivas de alguns troços de muralha.

Por último assinala-se que este projeto engloba uma equipa de investigadores da Câmara Municipal de Abrantes (a qual fornecerá todo o apoio logístico necessário) e de centros de investigação do Ribatejo, nomeadamente, o Instituto Terra e Memória e o Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar.

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

E GEO-MORFOLÓGICO

O Castelo de Abrantes situa-se no topo de um morro xistoso orientado S/W–N/E, na vertente leste do centro histórico (fig. 1). A sua posição domina o rio Tejo, situado a cerca de

1 quilómetro de distância, e que faz uma curva em redor do morro xistoso. Do topo do morro vislumbra-se um vasto território com vários quilómetros de extensão, desde Santarém às Portas de Rodão. Junto ao morro situam-se várias áreas planas aluviais, nomeadamente em Alferrarede (a leste), em Rossio-ao-Sul do Tejo (a sul) e em Rio de Moinhos (a oeste).

De um ponto de vista geomorfológico, o concelho de Abrantes situa-se numa zona de contacto de três importantes unidades geomorfológicas do País — o Maciço Antigo, a Bacia Terciária do Tejo e a Orla Meso Cenozoica Ocidental (a oeste do Zêzere com prolongamentos a sul do Tejo) — sendo assim bastante heterogéneo neste sector. A área onde se instala o Castelo-Fortaleza de Abrantes faz parte da Zona planáltica, ao norte do Tejo, também denominada Charneca, onde predominam formações geológicas inseridas no Maciço Antigo. Este é o Pré-câmbrico antigo, que aflora ao longo de ambas as margens do Tejo, desde Tancos a Montalvo, a sudeste de Rio de Moinhos, até perto de Abrantes e de Alferrarede. Este maciço prolonga-se depois até às Mouriscas e, para norte, até ao Sardoal e à Serra de Tomar. O Castelo assenta, portanto sobre formações da “série negra” do Maciço Peninsular Pré-câmbrico, nomeadamente xisto

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E ARQUEOLÓGICO

O morro onde se situa o Castelo de Abrantes parece ter tido nos últimos três milénios um papel fundamental para a história local; têm sido feitos diversos achados arqueológicos nesse local com material datável pelo menos desde a Idade do Bronze. Este projeto pretende, assim, levar a cabo uma campanha sistemática de escavações arqueológicas no morro do Castelo para compreender melhor a história de Abrantes.

Relativamente à história da investigação, têm sido poucas e muito limitadas as intervenções arqueológicas no castelo de Abrantes. A mais antiga (que não chegou a ser publicada e cujos materiais se encontram à guarda da Câmara Municipal de Abrantes) ocorreu em 1985, pela Dr.^a Maria Amélia Horta Pereira, numa dependência do que resta do palácio dos condes Abrantes; a escavação também não ultrapassou alguns metros quadrados e não chegou ao afloramento; entre os materiais recolhidos destacam-se cerâmi-

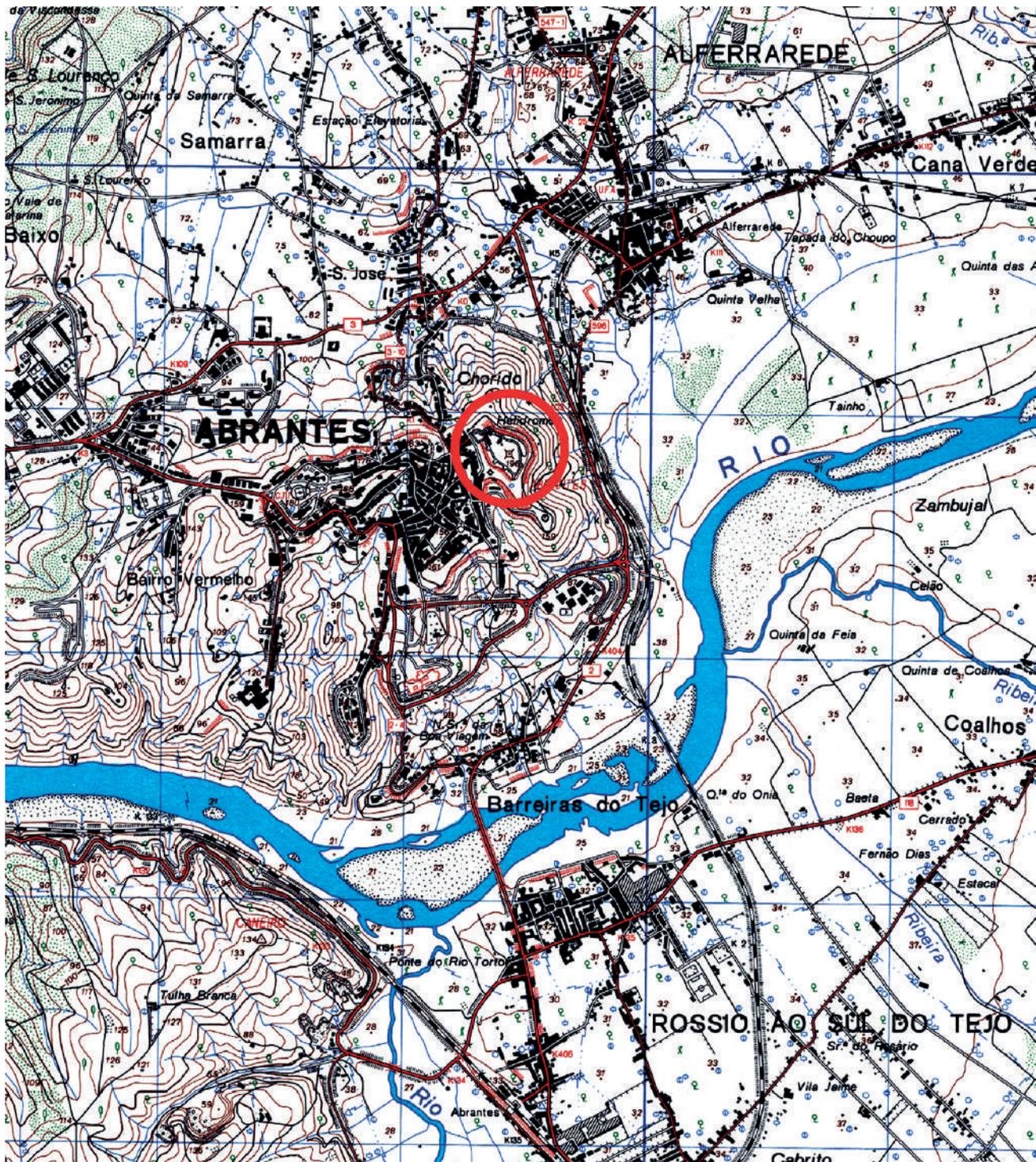


Fig. 1 | Carta militar de Abrantes. O círculo vermelho indica a área intervencionada: o castelo de Abrantes.

cas tardo-medievais e modernas; é igualmente de destacar a identificação numa pequena área de cerca de 1 m² de pedras de média dimensão, indiciadoras de uma muralha, embora não fosse claro na altura a que período pertencia, dado não ter sido escavada. Uma segunda intervenção teve lugar em 1986, pela Dra. Ana Isabel dos Santos, arqueólogo do IPPC, no interior da igreja de Santa Maria (Correia, Oliveira e Santos 1988). A área intervencionada foi bastante reduzida — 3 metros quadrados — tendo sido identificadas algumas cerâmicas islâmicas dos séculos IX–XI, bem como algumas ossadas. A última intervenção teve lugar em 2001 e foi levada a cabo pelos arqueólogos da Câmara de Abrantes, a Dra. Filomena Gaspar e o Dr. Álvaro Batista. Nesta intervenção foram feitas duas sondagens de 4×4 m, uma junta à parede sul da igreja e a outra a cerca de 20 metros da “Porta Sul” (Candeias Silva, Batista e Gaspar 2009). O objetivo era obter dados mais sólidos sobre as sequências estratigráficas do castelo. Na sondagem junto à igreja foram identificadas sepulturas medievais escavadas na rocha, bem como algumas ossadas. Na sondagem junto à muralha sul foram escavadas cerca de 4 metros dos entulhos colocados no século XIX para se fazer uma esplanada no interior do castelo, tendo-se alcançado níveis tardo-medievais. Por razões de segurança, devido à exiguidade da área da sondagem e à profundidade alcançada, a escavação não prosseguiu, não tendo sido assim possível atingir o nível geológico.

Para além destas intervenções arqueológicas foram feitos vários achados fortuitos ao longo do século XX (Oleiro 1951; Bairrão Oleiro 1952; Candeias Silva, Batista e Gaspar 2009):

- Xorca de bronze, datável da Pré-História encontrada em início do século;
- Uma taça de cerâmica com provável decoração brunida da Idade do Bronze Final, aparecida no interior da torre de menagem, aquando dos preparativos para a implantação do depósito de água da cidade, por volta de 1940;
- Dois machados de pedra polida, encontrados no decorrer de revolvimentos de terra feitos pelos militares em meados do séc. XX, na área da torre de menagem;
- Nos anos 50, Diogo Oleiro, aquando da mudança do piso da igreja de Santa Maria, identificou uma estátua romana acéfala do século II d.C.;

- Moedas romanas achadas nos anos 50: duas de Calígula (37–41 d.C.) junto à igreja, uma de Galieno (253–268 d.C.) e outras de datação indeterminada, achadas na encosta leste;
- Um árula anepígrafa e outra dedicada a Júpiter Optimus Maximus, a primeira encontrada nos anos 50 junto à muralha poente e a outra de proveniência incerta;
- Tégulas romanas junto à escarpa norte, têm sido encontrados periodicamente desde meados do século XX;
- Um “machado de calaite verde”, mutilado do seu talão, encontrado em 1969, no meio do entulho removido de um fosso, situado no interior dos restos do palácio dos condes, durante a intervenção da DGEMN no castelo;
- Mó manúaria encontrada aquando trabalhos de desaterro efetuados pela DGEMN junto à “Porta Sul” nos anos 60–70;
- Cerâmicas com tratamento brunido e espatuladas, um pingo de fundição e uma pequena argola em bronze, a par de alguns fragmentos ósseos, decerto resíduos de alimentação, foram observados e recolhidos no fundo do torreão Sul pelo Dr. Álvaro Batista nos anos 80;
- Estruturas de argila batida e compactada, associadas a cerâmica típica do Bronze Final / Idade do Ferro, foram observadas também junto à fundo do torreão, nas traseiras da igreja, aquando do desmoronamento da muralha leste em 1989.

Concluindo, pesem embora a quantidade e a qualidade das peças arqueológicas encontradas na área do Castelo, continua a não ser fácil estabelecer uma síntese credível, que permita conhecer melhor as dinâmicas de ocupação deste espaço.

OBJETIVOS

Com este projeto arqueológico no morro do Castelo pretende-se esclarecer um conjunto de problemáticas relacionadas com a história de Abrantes:

- *Objetivo 1a:* Confirmar a existência de níveis de ocupação do Bronze Final noutras partes do Castelo, além das áreas que já deram materiais deste período;
- *Objetivo 1b:* Averiguar se a qualidade e a quantidade do material do Bronze Final e de eventuais estruturas são compatíveis com um povoado de grande escala.

- *Objectivo2a*: Averiguar a real continuidade habitacional desde a Idade do Bronze até à Primeira Idade do Ferro;
- *Objectivo2b*: Averiguar se há material “orientalizante” e se ele está relacionado com uma presença direta ou indireta fenícia.
- *Objectivo3*: averiguar se o morro do Castelo continuou a ser ocupado depois da conquista romana e em que moldes se processou a romanização ou se, pelo contrário, toda esta área foi abandonada tendo-se transferido a população para zonas mais baixas, tendo, possivelmente, ficado apenas um templo no morro.
- *Objectivo 4a*: averiguar se houve uma ocupação efetiva do morro do Castelo em época islâmica ou se foi apenas algo episódico;
- *Objectivo 4b*: se houve de facto uma presença permanente em época islâmica, pretende-se averiguar a sua natureza: ribat, povoado ou castelo.
- *Objectivo 5a*: averiguar a evolução do perímetro do castelo desde o século XII;
- *Objectivo 5b*: averiguar se havia um núcleo habitacional no castelo durante a Baixa Idade Média e quando foi abandonado.

CAMPANHAS DE 2013 E 2014:

METODOLOGIA DOS TRABALHOS

Em 2013, foram abertas duas sondagens, a cerca de uma dezena de metros uma da outra, na área sul do Castelo (fig. 2); a escolha desta área foi motivada pelo facto de o entulho moderno que cobre toda a área do castelo ser aqui menos espesso, pelo que seria mais provável alcançar-se depressa níveis arqueológicos mais antigos. Uma sondagem (Sondagem 1) de 3×2 m foi aberta na proximidade do que se designou por Porta Sul (conhecida localmente por “Porta da Traição”) e uma outra (Sondagem 2) de 2×2 m junto à muralha sul. Decidiu-se designar as UE (Unidade Estratigráfica) da Sondagem 1 com números de série 1–100 e as UE da Sondagem 2 com números de série 101–200, para uma nomenclatura mais clara. Também foi analisado o troço de muralha encostada a estas duas sondagens — a muralha Sul — com vista a identificar as suas diferentes fases construtivas, tendo sido designada cada intervenção por Unidade Estratigráfica Murária (UEM).

Em 2014, a Sondagem 2 teve um alargamento de 1×3 m. Foram também abertas duas novas sondagens. A Sondagem 3, delas num muro perto da torre de menagem, cuja cronologia e natureza se pretendia apurar, tendo sido incluído no perímetro desta sondagem uma área de 0,5×1 m desse mesmo muro. Por último, a Sondagem 4, a meio caminho entre a torre de menagem e a igreja para se obter dados sobre a ocupação dessa zona (fig. 2). Decidiu-se designar as UE da Sondagem 3 com números de série 201–300 e as UE da Sondagem 4 com números de série 301–400, para uma nomenclatura mais clara. Assinale-se ainda o registo de duas UEMs na Sondagem 3, junto ao muro que lá se encontra, e que foram designadas com os números de série UEM 201 e 202.

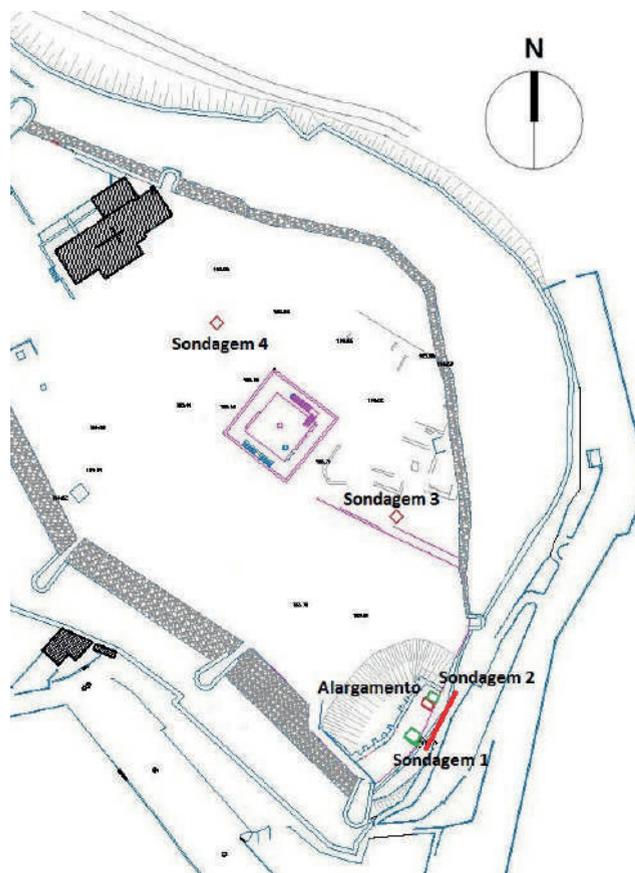


Fig. 2 | Planta do castelo de Abrantes. Os quadrados verdes indicam as sondagens (1 e 2) que tiveram lugar em 2013. A rosa, o alargamento da Sondagem 2 e abertura das Sondagens 3 e 4 em 2014. A linha vermelha junto à muralha sul, indica a área da muralha que foi objeto da divisão em UEMs. Escala 1:2000.

INTERVENÇÃO NA SONDAGEM 1

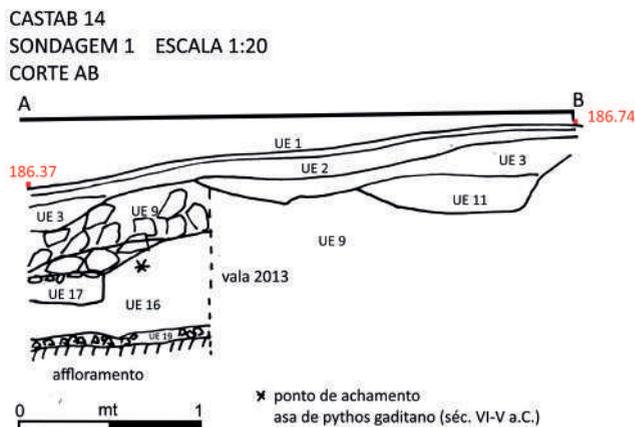


Fig. 3 | Sondagem 1: corte A-B

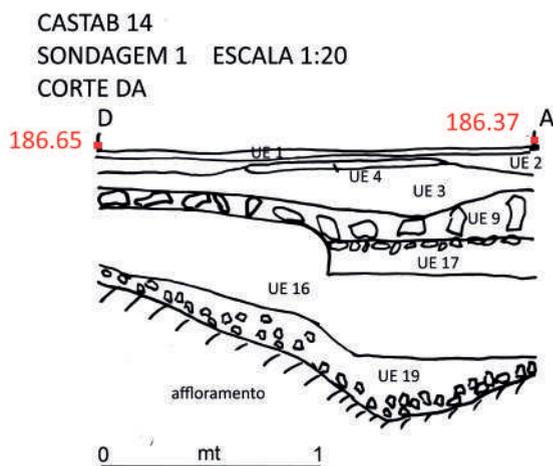


Fig. 4 | Sondagem 1: corte A-D

UE1

Camada castanho-clara de terra vegetal, humosa, compacta, com ocorrências de materiais de várias épocas. A sua extensão abrangia toda a área da sondagem. O sedimento era seco e fácil de remover, tendo tal constituído um parâmetro para se reconhecer onde terminava UE1 e se iniciava UE2, sendo aquela menos seca.

Depois de se ter procedido à sua remoção, a UE1 apresentou-se como uma camada de fraca potência (3–5 cm). Con-

tinha entre os elementos orgânicos vários ossos, um dente e raízes. Nos inorgânicos, havia cerâmicas da Idade do Bronze Final, medieval (sécs. XI–XV) e moderna (XVI–XVIII) (vidrada, comum e de acabamento brunido), uma moeda (ceitil), um pequeno número de pedras pequenas, um seixo de quartzo e algumas lajes de xisto e vários materiais de construção.

Foi interpretada como piso de frequência contemporânea.

UE2

Camada pouco uniforme, de cor castanho-escuro, geralmente composta por terra orgânica e arenosa, de consistência ligeiramente solta. Na sua metade sul apresenta-se mais arenosa-pulverulenta, enquanto na sua parte ao norte é mais arenosa-limosa. Entre os elementos orgânicos encontraram-se ossos e raízes grandes em posição horizontal. Entre os inorgânicos, muita pedra miúda, pedras de médias dimensões, lajes de xisto, cerâmica de tradição islâmica dos séculos XI–XIII e da Idade do Bronze, ossos de animais e pregos de ferro.

Foi interpretada como uma camada de escorrências.

UE3

Apareceu debaixo da UE2, sendo constituída por pedras concentradas, com bolsas de argamassa alterada cinzenta e arenosa, ou alaranjada, num sedimento de cor castanho-escuro e de fraca consistência. Registaram-se também pequenas concentrações de carvões de pequenas dimensões. Entre os materiais orgânicos encontraram-se, além dos carvões, ossos de animais de várias dimensões e malacofauna. Entre os materiais inorgânicos, encontraram-se pedras de médias dimensões (max. 30 cm × 20 cm; min. 18 cm × 12 cm), seixos (20 cm × 15 cm), fragmentos de telhas e tijolos, argamassa e cerâmica. Esta última, que se encontra na maioria dos casos em posição deitada, conta com vários fragmentos dos sécs. XI–XIII d.C. e um pequeno número de fragmentos da Idade do Bronze, Idade do Ferro e Romano. A cronologia da UE é, assim, dos sécs. XI–XIII d.C.

Na sua parte mais a oeste, é coberta por uma camada de argamassa laranja (UE11), provavelmente o residual do reboco de uma estrutura. Na parte Sul, perto da Porta Sul, estava cortada

por um corte relativo a obras recentes de construção de umas pequenas escadas que facilitam o acesso à Porta Sul (UE6).

Foi interpretada como uma camada de destruição de uma estrutura baixo-medieval.

Para averiguar melhor a potência desta camada e proceder com mais rapidez nos trabalhos de escavação, resolveu-se escavar uma trincheira de 50 cm de largura no lado leste (entre os pregos C e D), com o objetivo de aprofundar até ao afloramento. Tendo em conta também que a área até agora intervencionada tinha sido encontrada já muito alterada por obras de finais do século XX (relacionadas com a circulação da Porta Sul) do que resultou que parte dos níveis estratigráficos terem sido destruídos, permanecendo intatos apenas na área correspondente à proximidade com o lado oeste, decidiu-se assim, por uma questão de coerência e, na tentativa de reconstituir todas as ocupações, fazer a limpeza do corte ali existente. No decorrer desta limpeza, identificou-se um pequeno murete com uma fiada de pedras, que foi denominado UE12.

UE4

Trate-se de uma camada fina (4–5 cm de espessura), de argamassa cinzento-clara compacta, que cobre a UE5, na margem sul da sondagem. Está relacionada com as escadas construídas recentemente para facilitar o acesso a Porta Sul.

UE5

Camada castanho-escura, de consistência média, com entulhos de várias épocas. Entre os materiais orgânicos, contam-se alguns ossos. Entre os materiais inorgânicos, contam-se alguns fragmentos de pregos de ferro, fragmentos de telhas, pedaços de fundição de chumbo e cerâmica.

Trata-se do enchimento da vala de fundação das escadas entre a margem sul da sondagem e a Porta Sul.

UE6

Trate-se de uma UE negativa, sendo o corte enchido pela UE5, no âmbito da escavação de uma vala que cortou a UE3 entre a margem sul da sondagem e a Porta Sul.

UE7

Mancha de carvões na parte nordeste da sondagem, de 1 m × 0,6 m, perto do prego B.

Foi interpretada como uma bolsa de carvões, que fazia parte do derrube de estruturas baixo-medievais da UE3.

UE8

Camada de fraca potência (5 cm), de cor amarela, com menor concentração de pedras que na UE3, de composição arenosa. Entre os componentes orgânicos encontraram-se ossos de animais. Entre os inorgânicos, uma pequena quantidade de pedras de médias dimensões (moscovite, quartzo leitoso, xisto), um prego e escórias de ferro e cerâmica da Idade do Bronze Final, Romano/Visigótico e Islâmico (sécs. IX–XI) (fig. 5). A extensão da UE envolve toda a área até à vala UE5.

Foi interpretada como um nível de abandono, que faz de interface com a UE3.



Fig. 5 | Cerâmica islâmica (UE8).

UE9

Camada composta principalmente por lajes de xisto de dimensões médio-grandes (média 30 cm × 20 cm) e diferente natureza (xisto cinzento, xisto verdeado alterado, xisto mais amarelo), misturada com um sedimento de cor castanho-cinzento de consistência dura (fig. 6). As lajes são de orientação caótica e apresentam espaços vazios entre eles. Entre os

componentes orgânicos, registaram-se algumas raízes entre as lajes; entre os inorgânicos, um pequeno grupo de cerâmicas da Idade do Bronze/Ferro (paredes com acabamento brunido) e romanas (um fragmento de provável cerâmica campaniense que perdeu o verniz preto) e telhas Romano/Visigóticas, além das lajes.

A UE9 estende-se por toda a sondagem, com exceção da vala na parte sul (UE5 e 6). Parte da sua superfície estava coberta por manchas de argamassa laranja (UE10 na parte sul; UE15 na parte noroeste), que continha escórias, provavelmente de ferro e de vidro. Na parte sudeste, no canto do prego D, foi feito um aprofundamento de 1 m × 1 m, para averiguar a potência do derrube e averiguar o que havia por debaixo.

Foi interpretada como o derrube de uma muralha a seco, cuja orientação não é clara, não se tendo individuado os seus limites exterior e interior na área da sondagem.



Fig. 6 | Derrube de muralha proto-histórica (UE9)

UE10

Mancha de argamassa laranja-clara na margem sul da sondagem, com potência de 10 cm, abrangendo uma área de 80 cm × 50 cm. É de consistência dura e arenosa e conta com uma potência de 20 cm. Não tem componentes orgânicos, enquanto entre os componentes inorgânicos se encontram um fragmento de cerâmica dos sécs. X–XI, argamassa, escórias de ferro e de vidro (apresentam-se mais esponjosas e ligeiras), seixos de pequenas dimensões e uma grande laje de xisto verde.

Esta mancha cobria parcialmente o derrube de muralha UE9 e foi cortado pelos trabalhos de escavação da vala UE6.

Foi interpretado como um assento de argamassa instalado posteriormente ao derrube da muralha UE9.

UE11

Camada de terra solta, de cor castanho-cinzento, estendendo-se por uma área de 60 cm × 80 cm. A UE11 estava no limite oeste da sondagem.

Foi interpretado como uma camada de abandono medieval.

UE12

Vestígios de um murete incompleto com uma fiada de pedras, no lado oeste da sondagem, paralelo à linha A–B de pregos e perpendicular à muralha sul do Castelo. Entre os componentes orgânicos encontraram-se carvões de pequena dimensão (não entre as pedras, mas ligados às pedras); entre os componentes inorgânicos encontraram-se pedras e argamassa.

Foi interpretada como um murete de uma estrutura baixo-medieval relacionada com a mancha de carvões UE7.

UE13

Camada cinzento-escura, de consistência muito dura, de composição limo-argiloso. A sua potência atinge os 13 cm. Estava debaixo da UE9 e aparece na margem sul da sondagem.

Foi interpretada como camada de abandono anterior à muralha UE9.

UE15

Mancha de argamassa castanha-rosada, de consistência dura mas friável. Como componentes orgânicos continha alguns carvões pequenos. Como componentes inorgânicos continha alguns fragmentos de cerâmica e argila de revestimento da Idade do Bronze, escórias de várias naturezas e seixos pequenos.

Foi interpretado como uma outra implantação de argamassa por cima do derrube UE9, de igual natureza da mancha de argamassa UE10.

UE16

Camada de cor castanho-avermelhado, de consistência forte e composição limosa. Foram identificados fragmentos cerâmicos indígenas da Idade do Bronze/Ferro I (fig. 7), fragmentos de cerâmica cinzenta orientalizante e fragmentos de cerâmica fenício-gaditana incluindo uma asa bífida (fig. 8) datável dos sécs. VI–V a.C. (Arruda 2003: 433, 437; 2005: 292; Cardoso et al. 2011: 86, 89, 93) e um bordo de ânfora datável dos sécs. VII–VI a.C. com paralelos em Abul fase I e II (Torres 1995) e em Lião (Cardoso et al. 2011: 87), bem como argila de revestimento, escórias de vidro ou ferro e vários carvões.

Foi interpretado como um nível de frequência proto-histórico mais antigo que o derrube de muralha UE9.



Fig. 7 | Cerâmica da Idade do Bronze/Ferro I (UE16).



Fig. 8 | Cerâmica fenícia (UE16).

UE17

Composta por várias pedras (sobretudo seixos) de pequena dimensão, muito juntas, formando um plano bastante horizontal, debaixo da UE9 (derrube de lajes de muralha proto-histórica), numa ponta da sondagem junto da Porta Sul.

Foi interpretada como um piso ou calçada proto-histórica.

UE18

Mancha de cor vermelha, de natureza granular, com terracota e pequenos seixos, identificada a meio da sondagem, debaixo da UE9, com cerca de 3–5 cm de espessura e 55 × 45 cm de dimensão. Foram identificados alguns carvões.

Não é clara a sua interpretação.

UE19

Camada estéril de terra e cascalhos, resultantes de alteração do afloramento de xisto.

Foi interpretada como a camada natural anterior ao afloramento.



Fig. 9 | Sondagem 1: final da escavação.

INTERVENÇÃO NA SONDAGEM 2

CASTAB 14

SONDAGEM 2 ESCALA 1:20

CORTE BC

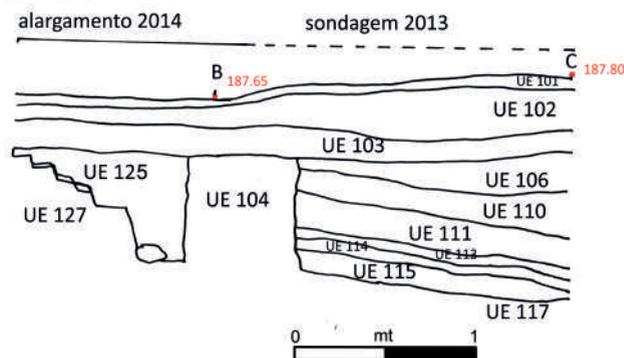


Fig. 10 | Sondagem 2: corte B-C

CASTAB13
SONDAGEM 2
CORTE 6
ESCALA 1:20 Cumprimento CD: 2 mt.

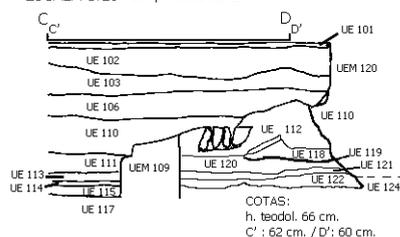


Fig. 11 | Sondagem 2: corte C-D

UE101

Camada de cor castanho acinzentado escuro, composta por terra vegetal, humosa e de consistência compacta. Continha componentes inorgânicos, nomeadamente pedras de pequenas dimensões e alguns fragmentos de cerâmica comum baixo-medieval e um fragmento de faiança azul e branca de finais do séc. XVI–XVII. Quanto a componentes orgânicos, havia alguns ossos de animais.

Foi interpretada como piso de frequência contemporânea.

UE102

Camada de cor castanho-claro, de 15 cm de potência média, com sedimento terroso; estava misturada em várias zonas com concentrações de argamassa clara. Continha componentes orgânicos como ossos e componentes inorgânicos como pregos de ferro, fragmentos de tijolos e telhas, argamassa clara, pedras de dimensões médio-pequenas (em média 15 cm × 10 cm) e fragmentos de cerâmica da Idade do Bronze Final e dos séculos XVI–XVII.

Foi interpretado como camada de obras da Idade Moderna, provavelmente relacionadas com as que tiveram lugar em 1663–64 aquando da Guerra da Restauração.

UE103

Camada de cor castanho claro, com sedimento de natureza limoso-humosa, de fraca consistência, de 10–12 cm de potência. Entre os materiais orgânicos foram encontrados ossos de animais, enquanto entre os inorgânicos estavam fragmentos de telhas e cerâmicas da Idade do Bronze, Baixa Idade Média e sécs. XVI–XVII, pouca argamassa e uma maior concentração de pedras de pequenas dimensões relativamente à UE102.

Foi interpretada como camada de enchimento na sequência das obras de construção da vizinha muralha sul em 1663–64 aquando da Guerra da Restauração

UE104

Consiste num muro feito de várias filas de pedras de médias dimensões (7 cm × 20 cm) (fig. 12). O muro é perpendicular à muralha Sul do Castelo, sendo anterior a ela. O seu com-

priminto não é claro, dado que atravessa toda a quadrícula, continuando para além dela; já a largura é de cerca de 50 cm Data do séculos XV a avaliar pela datação dos materiais encontrados da UE115 e UE125, que se encontram na sua base.



Fig. 12 | Sondagem 2: final da escavação. Torre islâmica (UE127) e muros tarδο-medievais (UE104 e UE109).

UE105

Camada castanho-clara, com sedimento terroso e alguns carvões por cima do muro UE104. Continha também poucos fragmentos de cerâmica da Idade do Bronze Final e do séc. XVI e pedras pequenas. Abarca uma área de 1m x 0,3 m

Foi interpretada como camada de enchimento na sequência das obras de construção da vizinha muralha sul na Idade Moderna.

UE106

Camada de cor castanho-escuro, com sedimento de natureza terroso-argilosa, com consistência compacta mas com bolsas de sedimento mais solto. A potência varia entre os 10 e 20 cm (com mais espessura na parte sul da sondagem). Foram achados materiais orgânicos como carvões de pequenas dimensões, ossos de animais e uma concha e inorgânicos como fragmentos de cerâmica e telha da Idade do Bronze, Baixa Idade Média e sécs. XVI–XVII. Foram achados materiais orgânicos como carvões, e inorgânicos como poucas pedras de pequenas dimensões (10 cm x 15cm) e fragmentos de cerâmicas e telhas da Idade do Bronze, Baixa Idade Média e sécs. XVI–XVII.

Foi interpretada como camada de enchimento na sequência das obras de construção da vizinha muralha sul na Idade Moderna.

UE109

É um murete, de sentido semicircular, constituído por duas filas de pedras de dimensões médio-grandes (30 cm x 10 cm), com início a meio do muro da UE104 (ao qual se encosta) e terminando no início do corte C–D (fig. 12).

Foi interpretado como murete de uma estrutura semicircular anexa ao muro (UE104). Data dos séculos XII–XV a avaliar pela datação da UE115, que se encontra na sua base.

UE110

Camada de cor castanho-escuro, de matriz limo-argilosa com componente orgânica, consistência solta e potência de 5–7 cm Abrange a maior parte da área da sondagem, com exceção da área ocupada pelo muro UE104 e por parte da UE112. Entre os materiais orgânicos acharam-se ossos de animais e muitos carvões de grandes dimensões espalhados; entre os materiais inorgânicos acharam-se alguns fragmentos de telhas e cerâmicas, sendo de destacar uma faiança azul e branca datável de finais do séc. XVI ou do séc. XVII e qua data a camada; também havia alguma concentração de argamassa.

Foi interpretada como camada de enchimento na sequência das obras de construção da vizinha muralha sul na Idade Moderna

UE111

A camada é composta por uma grande quantidade telhas fragmentadas de grandes dimensões, com pouco sedimento argiloso nos interstícios. Trata-se de telhas pouco fragmentadas, algumas também ainda inteiras, datáveis dos sécs. XIV–XVI, a julgar pela forma. Entre as telhas, foram achados três fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro I e um de época romana (ou orientalizante que perdeu o engobe). Este derrube está posicionado na área entre o muro UE104 e o murete UE109, na parte N/W da sondagem.

Foi interpretada como derrube de um telhado, embora não seja claro se se trata das estruturas anexas UE104/UE109

ou de outras estruturas tendo as telhas sido colocadas nesta zona

UE112

Camada composta principalmente por argamassa cinzento-clara, de forte consistência, misturada com algumas pedras de grandes dimensões. Estava posicionada no extremo limite sudeste da sondagem, revestindo o alicerce da muralha Sul, tendo-se designado o alicerce por UEM1. Revelou ter uma potência de 40 cm. Abrangia uma área com um comprimento de 2 metros (coincidindo com a linha dos pregos A–D), por 70 cm de largura desde a UEM1 até ao murete da UE109

Entre os materiais inorgânicos foram achados também fragmentos de cerâmica da Idade do Bronze e do séc. XVII e alguns fragmentos de telhas, também do séc. XVII, algo que permitiu datar a construção do alicerce e da muralha por ele suportado como tendo lugar já na Idade Moderna, muito provavelmente aquando das obras que segundo a documentação tiveram lugar no castelo em meados do séc. XVIII, durante a Guerra da Restauração.

Foi interpretada como obra de reforço do alicerce da muralha Sul do castelo (UEM1) na Idade Moderna.

UE113

Sedimento castanho-escuro de natureza argiloso-orgânica, composto sobretudo por pedras de dimensões médio-grandes (20 cm × 20 cm em média), de consistência bastante solta e de 15 cm de potência. Abrange toda a área entre o murete UE109, o muro UE104 e o limite da sondagem entre os pregos B–C, medindo 1,6 m × 1,2 m. Entre os materiais orgânicos foram achados vários carvões e um osso e entre os inorgânicos uns poucos fragmentos de telha de época medieval/moderna, argila de revestimento e fragmentos de cerâmica da Idade do Bronze Final.

Foi interpretada como camada de uso da área circunscrita pelo murete UE109.

UE114

Sedimento de cor bege-amarelado, com argamassa pulverulenta misturada com nódulos de argamassa bege e verme-

lha. Tem fraca potência (6–8 cm). Entre os materiais achados, havia orgânicos como vários ossos de animais e inorgânicos como pedras pequenas, pequenos seixos (ligados a argamassa) e fragmentos de cerâmica e telha dos séculos XII–XV. Abrange toda a área entre o muro UE109, o muro UE104 e o limite da sondagem entre os pregos B'–C', medindo 1,6 m × 1,2 m.

Foi interpretada como camada de uso da área circunscrita pelo murete UE109.

UE115

Camada de cor cinzento-escuro, de natureza limoso-argilosa e muita componente orgânica, com fraca potência (5 cm) e consistência solta. Entre os materiais e orgânicos registou-se a presença de muitos carvões e ossos de animais; já entre os inorgânicos, pedras de pequena dimensão (10 cm × 10 cm), fragmentos de cerâmica e telha datáveis dos sécs. XII–XV e escórias de ferro. As cerâmicas eram todas concentradas junto ao muro UE109, em posição deitada e com marcas de exposição ao lume. Esta UE abrangia toda a área entre o muro UE109, o muro UE104 e o limite da sondagem entre os pregos B–C, medindo 1,6 m × 1,2 m.

Foi interpretada como camada de uso da área circunscrita pelo murete UE109.

UE117

Camada de cor castanho-clara, composta por várias pedras de pequenas dimensões (10 cm × 5 cm) entre um sedimento franco-arenoso. Não foi escavada nesta campanha.

Abrange toda a área entre o muro UE109, o muro UE104 e o limite da sondagem entre os pregos B–C, medindo 1,6 m × 1,2 m.

A sua interpretação, para já, não é segura.

UE118

Camada de cor castanho-amarelada, de matriz argilosa e consistência compacta, de 15 cm de potência. Como materiais, continha somente fragmentos de cerâmica datáveis sobretudo da Idade do Bronze, além de um de época romana. Cobria uma área de 0,5 m × 1,3 m no limite sul da sondagem, debaixo do alicerce da muralha Sul (UEM1) e prolongando-se até à UE124, que a cortava.

Foi interpretada como uma camada de abandono posterior à lareira identificada em UE119.

UE119

Camada de cinzas e terracota, de fraca potência (5 cm). Continha carvões minúsculos. Abrangia uma área de 0,5 m × 0,8 m no limite sul da sondagem, com início no murete UE109 e prolongando-se até à UE124, que a cortava. Tem uma potência média de 10 cm, sendo mais espessa no meio, e mais delgada nas extremidades.

Foi interpretada como uma lareira (fig. 13), de cronologia proto-histórica a julgar pelo material cerâmico que foi achado na UE118 (por cima dela) e na UE120 (debaixo dela). Tem excelente fiabilidade estratigráfica.



Fig. 13 | Lareira proto-histórica (UE119).

UE120

Camada castanho-amarelada, de consistência compacta e de 15 cm de potência média. Continha pedras miúdas e cerâmicas da Idade do Bronze. Abrangia uma área de 0,5 m × 0,8 m no limite sul da sondagem, com início no murete UE109 e prolongando-se até à UE124, que a cortava.

Foi interpretada como nível de uso da lareira UE119, sendo evidente que ela foi implantada nesta camada.

UE121

Mancha de cinza branca, de textura granulosa e de 10 cm de

potência. Cobre uma área de 0,5 m × 0,8 m no limite sul da sondagem, com início no murete UE109 e prolongando-se até à UE124, que a cortava. Não foi encontrado material no sedimento, mas foi recolhida uma amostra para ser crivada e analisada.

Foi interpretada como o residual das cinzas de uma lareira (UE122) que estava por debaixo.

UE122

Trata-se de uma estrutura com uma linha de pedras em forma circular, com pouco sedimento de cor cinzento-castanho, de natureza limosa, de consistência solta. Não continha materiais. Abrange uma área de 0,5 m × 0,5 m no limite sul da sondagem, com início no murete UE109 e prolongando-se até à UE124, que a cortava.

Foi interpretada como a estrutura de uma lareira em pedra (fig. 14).



Fig. 14 | Lareira proto-histórica (UE122).

UE123

Camada castanho-negra, de natureza limosa, só foi posto a descoberto o seu topo. Abrange uma área de 0,5 m × 0,8 m no limite sul da sondagem, desde o murete UE109 em direção ao limite sul da sondagem. Nesta camada aparecem implantadas as pedras da lareira UE122.

Foi interpretada como o nível de uso da lareira UE122.

UE124

Camada de cor castanha, de consistência compacta, natureza argilosa cheia de pedras miúdas, no limite sul da sondagem, estando debaixo do alicerce da muralha UEM1 e cortando a UE118, 119, 120, 121 e 122. Só foi posto à luz o lado que cortava as U.E. anteriores, não tendo sido escavada. Apanha uma frente visível 0,8 m paralela ao corte A–D no limite sul da sondagem.

A sua interpretação, para já, não é segura, dado que a área escavada não é suficientemente grande.

UE125

Camada de cor castanha, compacta, de terra barrenta com xistos, ocupava a área entre as estruturas identificadas na UE.104 e UE127. As suas características são semelhantes às da UE124. Foram identificados alguns materiais, nomeadamente, uma asa cerâmica, alguns fragmentos de telha, ossos e pregos.

Foi interpretada como camada de enchimento da UE127, que terá tido lugar nos séculos XIII–XV, a avaliar pela datação da asa encontrada.

UE127

Estrutura circular, feita com tijolos de adobe, com seixos entre eles e dispondo-se em forma de escada. As suas características assemelham-se às das “zarpas” encontradas castelos

islâmicos de cerca do século XI, como Gormaz (Soria) e El Vacar (Córdova), e que consistiam em reforços defensivos da base das muralhas (Helena Catarino, comunicação pessoal).

Foi interpretada como uma torre de uma fortificação de época islâmica.

UE128

Camada de cor castanho-negra, de natureza limosa; só foi posto a descoberto o seu topo. As suas características são semelhantes às da UE123.

ANÁLISE DA MURALHA SUL

Paralelamente aos trabalhos de escavação, optou-se igualmente por fazer uma análise da estratigrafia horizontal da muralha Sul do castelo, nomeadamente na área anexa às Sondagens 1 e 2, de modo a se poder perceber melhor os dados que iam surgindo no decorrer das escavações, integrando-os com os obtidos na análise da muralha.

Olhando para a fotografia panorâmica dessa muralha são visíveis diversas intervenções históricas na muralha, as quais foram divididas mediante uma linha vermelha (fig. 15), tendo sido designada cada intervenção por Unidade Estratigráfica Murária (UEM). Note-se, no entanto, que o que se seguirá não pretende ser um rigoroso estudo de arqueologia da arquitetura



Fig. 15 | Muralha Sul: divisão em UEMs

ra com delimitação de todas as suas UEM, mas somente o de identificar as principais fases construtivas da muralha.

UEM1

Trata-se da UEM mais antiga identificada, correspondendo ao alicerce da muralha, sendo constituída por pedras de dimensões variáveis e argamassa cinzento-clara, igual à da UE112; os materiais cerâmicos desta última UE, contemporânea do alicerce, eram datáveis do séc. XVII, o que indicia que a sua construção teve lugar nessa altura, muito provavelmente em meados do século XVII, aquando da Guerra da Restauração, havendo referências documentais de que tiveram então lugar trabalhos de fortificação no castelo (Morato 2002 [1860]: 162–4). Como tal, todas as outras UEM teriam de ser posteriores a esta data.

UEM2

Assenta na UEM1 e é contemporânea dela, correspondendo à parte inferior da muralha propriamente dita. É composta por filas de pedras de dimensões médio-grande, alinhadas horizontalmente, estando as pedras ligadas por uma argamassa laranja-clara. Na área onde se encontra o muro da UE104 ocorre uma pequena descontinuidade na direção da muralha, a qual deve-se ao facto de esse muro, que se encontra ao mesmo nível da UEM1, ter passado a ser utilizado como alicerce da muralha na altura da construção desta. Note-se ainda que é na UEM2 que se abre a Porta Sul, o que permite datar a sua abertura do século XVII (aliás, as características estilísticas — Estilo Chão — são iguais aquelas encontradas em fortalezas portuguesas construídas após a Restauração de 1640), pondo definitivamente de lado uma tradição local que dizia ser esta uma Porta da Traição de origem medieval.

UEM3

Esta UEM está relacionada com uma campanha de obras que teve lugar neste espaço aquando das Invasões Francesas no início do séc. XIX. De acordo com um documento dessa altura (Portocarrero 2013: 169), foi anexa à muralha uma estrutura com dois pisos, cujas ruínas são ainda visíveis, sendo o piso inferior utilizado como paiol e o superior para assen-

tar peças de artilharia. Os dois buracos para vigas visíveis do lado esquerdo e com correspondência no muro em frente, indicam onde foi feita essa separação. A mesma documentação oitocentista indica que as obras foram feitas à pressa e que parte da estrutura ruiu no Inverno seguinte. Tal explica assim o carácter “remendado” desta UEM que resulta de uma construção rápida e de uma reparação igualmente rápida.

UEM4

Corresponde à linha de canhoneiras no topo da muralha e que de acordo com documentação da época (ibid.) foi construída aquando das Invasões Francesas. São visíveis 4 canhoneiras, feitas de pedras de dimensões variáveis, argamassadas e cobertas com reboco de cor acinzentada.

INTERVENÇÃO NA SONDAGEM 3



Fig. 16 | Local de escavação da Sondagem 3 (círculo vermelho).

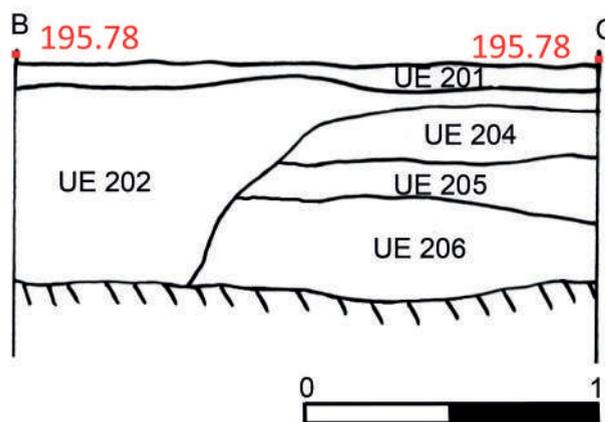


Fig. 17 | Sondagem 3: corte B–C

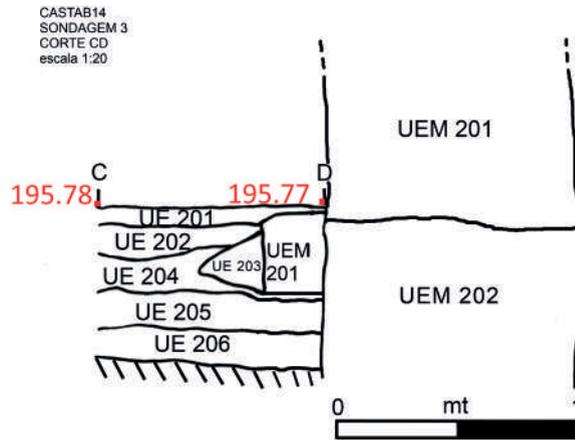


Fig. 18 | Sondagem 3: corte C-D

UE201

Camada de cor castanha, composta por terra vegetal, húmida e de fraca consistência. Abarcava toda a extensão da sondagem até ao contato com o muro, designado por UEM201.

Foi interpretada como camada de frequência contemporânea.

UE202

Derrube composto por pedras de dimensões pequenas e médias, terra solta, argamassa, tijoleiras e telhas de fabrico industrial com letra de fábrica datáveis do segundo/terceiro quartel do século XX. Foram ainda encontrados algumas balas de granada tipo “shrapnel”, em uso desde 1808 e a década de 70 do século XIX (Delfino, Portocarrero 2013: 42–43). Na parte norte desta sondagem, esta UE cortava as que estavam por debaixo, atingindo o afloramento.

Foi interpretada como uma camada de destruição dos aquartelamentos militares que se situavam nesta zona, levada a cabo pela DGEMN em 1969–71. A identificação das balas de shrapnel, relaciona-se com o fato de ter sido também nesta zona que ocorreram no século XIX dois rebentamentos de munições de artilharia.

UE203

Camada de argamassa amarelada, de pequenas dimensões, que ocupa uma pequena área de cerca de 0,50 × 0,20 cm ao

longo da face oeste do muro. A argamassa do muro UEM201 é idêntica à desta camada. Foram identificados nesta camada 2 fragmentos de telha dos séculos XVIII–XIX.

Foi interpretada como camada de obras do muro anexo UEM201, devido ao fato das argamassas serem iguais e de se situar na base dessa UEM. Quanto à sua cronologia é provável tratar-se de obras da altura das Invasões Francesas.

UE204

Camada de cor castanha acinzentada, pouco compacta, composta por materiais cerâmicos (comum e vidrado de chumbo), telhas, metais (pregos, botão), uma tampa de xisto e ossos de animais. Os materiais datavam dos séculos XVII–XVIII. Esta UE estava encostada a um segundo muro que estava debaixo da UEM201 e que foi designado de UEM202.

Foi interpretada como camada de entulho do século XVII, na sequência das obras do muro UEM202.

UE205

Camada de argamassa bege, sem material. Estava encostada ao muro UEM202, sendo que a argamassa desta UE era igual à do muro UEM202.

Foi interpretada como camada de obras do muro anexo UEM202, devido ao fato das argamassas serem iguais.

UE206

Camada de cor castanha acinzentada escura, pouco compacta, composta por cerâmica comum (algumas com engobe) de finais do século XVI–XVII, telhas do século XVII, ceitis de D. Afonso V, dois alfinetes (um deles de prata) datáveis dos séculos XV–XVII e ossos de animais. Foi a última UE registada nesta sondagem, dado aparecer o afloramento logo de seguida.

Foi interpretada como camada de escorrências do século XVII, a qual foi travada pela construção do muro UEM202.

UEM201

Muro maciço, com cerca de 2 m de largura e 2,20 m de altura, construído com pedras de pequena e média dimensão, unidas por argamassa amarela (fig. 20). A argamassa é igual

aquela identificada na UE203, a qual se encontrava na sua base, sendo, como tal, camada de obras da UEM201. A identificação de telha dos séculos XVII–XIX, indica estarmos perante um muro construído muito provavelmente na altura das Invasões Francesas para resguardo dos paióis anexos.



Fig. 19 | Sondagem 3: final da escavação.

UEM202

Muro maciço, com cerca de 1 m de largura na área da sondagem e 0,60 m de altura, construído com pedras de pequena e média dimensão, unidas por argamassa de cor bege (fig. 20). Estava por debaixo da UEM201, tratando-se assim de uma anterior estrutura que havia nesta área que foi reaproveitada pela UEM201. A UEM202 assentava diretamente no afloramento e prolongava-se em direção ao corte norte da sondagem atravessando-a, assim, na sua totalidade. Esta UEM encontrava-se bastante destruída na área da sondagem onde não estava sobreposta pela UEM201, sendo visíveis apenas alguns restos por cima do afloramento. Tal destruição foi resultado da campanha da DGEMN de 1969–71, sendo visível que a UE202, que regista esta intervenção, encontra-se por cima da UEM202, na área em que pouco dela resta. Como o material mais recente da camada de escorrências que este muro travava era do século XVII, estamos assim perante uma obra dessa altura – quiçá aquando da Guerra da Restauração, dado que a documentação histórica (Campos 2000: 15) indica que em 1663–64 tiveram lugar obras de reforço no castelo –, com o possí-

vel intuito de delimitar uma plataforma para as duas cisternas anexas.

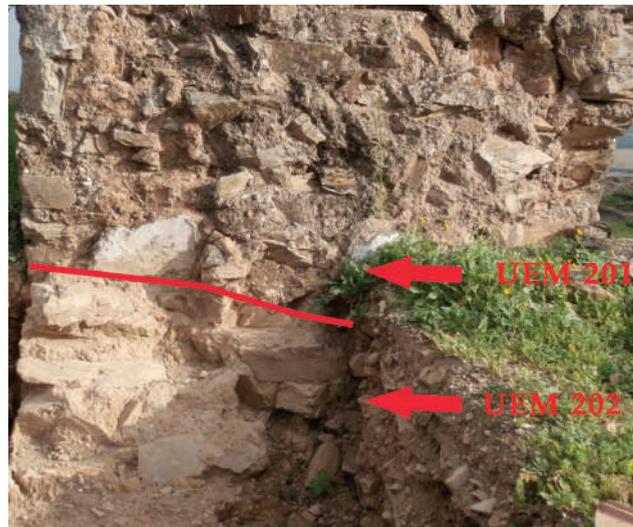


Fig. 20 | Muro da Sondagem 2: divisão em UEMs.

INTERVENÇÃO NA SONDAGEM 4

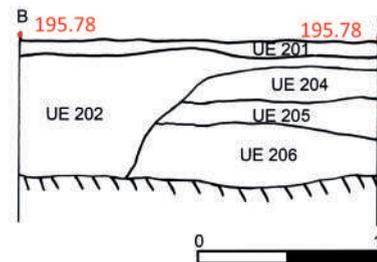


Fig. 21 | Sondagem 4: corte C–D

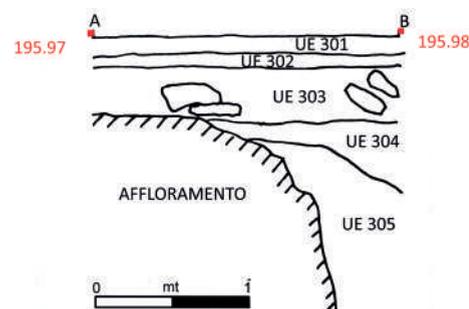


Fig. 22 | Sondagem 4: corte A–B

UE301

Camada de cor castanho-escuro, composta por terra vegetal e humosa. Abarcava toda a extensão da sondagem.

Foi interpretada como camada de frequência contemporânea.

UE302

Camada de cor alaranjada, compacta, composta por muitas pedras pequenas. Tinha alguma cerâmica dos séculos XVIII-XIX e material de construção do século XX.

Foi interpretada como uma camada de entulho, provavelmente associado ao derrube identificado na UE303.

UE303

Camada de cor alaranjada, composta por pedras de grandes dimensões. Tinha material de construção do século XX e alguns fragmentos de argamassa de cor bege.

Foi interpretada resultante de um derrube de estruturas, provavelmente relacionada com a campanha da DGEMN em 1969-71.

UE304

Camada de cor alaranjada, granulosa, com pedras de dimensão pequena e média. Estava encostada ao afloramento. Foram identificadas cerâmicas e telhas dos séculos XVIII-XIX.

Foi interpretada como uma camada de enchimento para nivelar o solo, realizada no início do século XIX, de acordo com a documentação.

UE305

Camada de cor negra, granulosa, composta por xisto em decomposição, com pedras de dimensão pequena e média. Estava encostada ao afloramento. Foram identificadas cerâmicas e telhas dos séculos XVIII-XIX. Não se chegou a concluir a escavação desta UE.

Foi interpretada como uma camada de enchimento para nivelar o solo, realizada no início do século XIX, de acordo com a documentação histórica (Portocarrero 2013: 169).



Fig. 23 | Sondagem 4: final da escavação.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Findos os trabalhos arqueológicos, quer os de escavação das quatro sondagens, quer o de análise da muralha e do muro, chegou a altura de averiguar de que forma contribuíram para dar resposta aos objetivos indicados na secção 3.

Objetivo 1a: foi identificado no conjunto das sondagens um número bastante razoável de fragmentos cerâmicos proto-históricos (cerca de 200), além de fragmentos de argila de revestimento. Foi igualmente identificada na Sondagem 1, um derrube de uma muralha de pedras a seco da mesma altura que era, aliás, semelhante aquela descoberta aquando das escavações de Maria Amélia Horta Pereira em 1986 no palácio dos condes de Abrantes (fig. 24), pelo que o povoado proto-histórico parece ter tido um perímetro semelhante ao do castelo. Confirmou-se assim que também esta área do castelo teve uma ocupação da Idade do Bronze Final-Primeira Idade do Ferro.



Fig. 24 | Restos de uma muralha de provável origem proto-histórica identificados na escavação de Maria Amélia Horta Pereira no Palácio dos Governadores.

Objetivo 1b: a identificação de vestígios da Idade do Bronze Final nesta área, juntamente com a identificação ao longo do século XX de vestígios desse período noutras áreas do castelo, nomeadamente na torre de menagem e junto à igreja, não deixam dúvidas que quer pela dispersão geográfica, quer pela qualidade dos vestígios — uma muralha, pisos de cabanas, argila de revestimento, vários fragmentos cerâmicos e machados — existiu no morro do Castelo de Abrantes um povoado de grandes dimensões na Idade do Bronze Final-Primeira Idade do Ferro. No entanto, será preciso ainda averiguar melhor a cronologia, as dinâmicas e as atividades desenvolvidas no povoado.

Objetivo 2a: ainda não foram encontrados materiais que permitam uma clara distinção entre Idade do Bronze Final e Primeira Idade do Ferro. Note-se também que em povoados amuralhados de altura desta região, como o Castelo Velho da Zimbreira e o Castelo Velho do Caratão (Delfino et al 2013; Delfino et al. 2014: 167–176) e o Cerro do Castelo (Batata, Gaspar 2000) ocorrem situações semelhantes em que os materiais ou estão misturados na mesma camada, por causa das dinâmicas de derrube, ou estão presentes na mesma camada em condições de depósito primário, denotando uma parcial continuidade na cerâmica. Está previsto levar a cabo uma datação por AMS dos carvões da lareira encontrada na Sondagem 2 de modo a fazer uma distinção cronológica.

Objetivo 2b: constatou-se a presença de cerâmica orientalizante e fenício-gaditana (cerca de 20 fragmentos) dos séculos VII–VI a.C., em níveis de coluvião relativos a um povoado amuralhado, associada a cerâmica manual da Idade do Bronze Final /Primeira Idade do Ferro, bem como escórias de ferro e, provavelmente, de vidro: tal indica que o povoado, que já desde o Bronze Final existia em Abrantes (Delfino et al. 2014: 124–127), estava por esta altura integrado nos circuitos comerciais mediterrânicos por influência da presença fenícia na desembocadura do Tejo (Arruda 1993; 2007; Delfino 2012). Não é claro, no entanto, se esta cerâmica foi obtida por intermediários ou diretamente através de uma feitoria fenícia em Abrantes.

Objetivo 3: da época romana, os vestígios foram bastante diminutos: 3–4 fragmentos cerâmicos e 10 fragmentos de telha, sendo que a tipologia destas últimas pode igualmente ser do período visigótico. Quando se junta a estes resultados outros vestígios bastante esparsos identificados ao longo do século XX, nota-se uma ocupação residual em época romana no espaço do morro do Castelo. A população vivia sobretudo junto ao rio, onde os achados romanos são mais abundantes.

Objetivo 4a: foi achada uma quantidade bastante apreciável de fragmentos de cerâmicas (parte dela de mesa) e de telhas da época islâmica no castelo datáveis dos séculos IX–XI, bem como uma torre de adobe cujas características construtivas são especificamente islâmicas, pelo que não restam grandes dúvidas de que houve uma presença permanente em época islâmica, pelo menos a partir dos séculos IX–XI aquando da Reconquista, altura em que esta zona se tornou uma fronteira entre domínios Cristãos e Muçulmanos. A descoberta da torre islâmica junto ao derrube de muralha proto-histórica, levanta a interessante possibilidade de que, aquando da reocupação do morro na época islâmica, tenha sido seguido o perímetro da muralha proto-histórica.

A identificação de vestígios islâmicos põe definitivamente de lado a tese, defendida em particular por Eduardo Campos (1995), de que não houve povoamento islâmico em Abrantes.

Objetivo 4b: os vestígios islâmicos identificados não deixam quaisquer dúvidas relativamente a uma presença permanente e não temporária em Abrantes. A identificação de uma torre de adobe, de cerâmica na zona sul do recinto do

castelo e da igreja de Santa Maria e, recentemente, no heliporto (a norte do castelo) e nas ruas do Centro Histórico próximas do castelo, indicam que a ocupação islâmica é consensual com um povoamento de alguma dimensão. Sendo assim, pode pôr-se de lado a possibilidade de uma *ribat* e de um pequeno castelo. O mais provável é ter existido um castelo, cujo perímetro provavelmente coincidiria sensivelmente com o do atual, e um pequeno povoado em redor.

Objetivo 5a: relativamente à evolução do perímetro do castelo foi possível identificar uma importante campanha de reconstrução de muralhas junto à Porta Sul datável dos séculos XVII (provavelmente a campanha de obras de 1663-64, durante a Guerra da Restauração), como indiciam as cerâmicas e telhas nas camadas associadas a essa obra e que datam dos séculos XVI-XVII, em particular um fragmento de faiança azul e branco de inícios do século XVII; note-se ainda, que, estilisticamente, a Porta Sul pertence ao período do chamado Estilo Chão (finais séc. XVI-inícios séc. XVIII), o que reforça assim os dados indicados pela escavação quanto à sua datação.

Por último, relativamente ao muro maciço que fica a sul da torre de menagem, apurou-se que foi feito em duas fases: uma seiscentista e outra provavelmente da altura das Invasões Francesas. No primeiro caso parece ter servido para delimitar uma plataforma para as duas cisternas vizinhas; no segundo caso, depois destas cisternas terem sido adaptadas a paióis, o alteamento do muro serviu para os resguardar de disparos de artilharia inimiga.

Estes dados permitem, pela primeira vez, ficar a conhecer melhor a campanha de obras de 1663-64, indicada em documentos, mas nunca estudada (Campos 2002: 15). Assim, foi reconstruída a muralha sul, tendo nela sido aberta uma nova porta; e, muito provavelmente, foram ainda construídos os dois baluartes encostados às extremidades norte e sul da muralha medieval (fig. 25).

Estes baluartes têm sido considerados desde a obra de Manuel Morato no século XIX, como fazendo parte das obras de fortificação que tiveram lugar em Abrantes no início do século XVIII, no contexto da Guerra da Sucessão de Espanha (Morato 2002 [1860]: 164), tendo grande parte da cidade

ficado rodeada por uma linha de fortificações abaluartadas. No entanto, existem certos pormenores que questionam esta interpretação. Assim, o aparelho construtivo dos dois baluartes encostados às muralhas, constituído por grandes blocos, é diferente do dos restantes baluartes de Abrantes, constituídos por pedras de pequena/média dimensão.

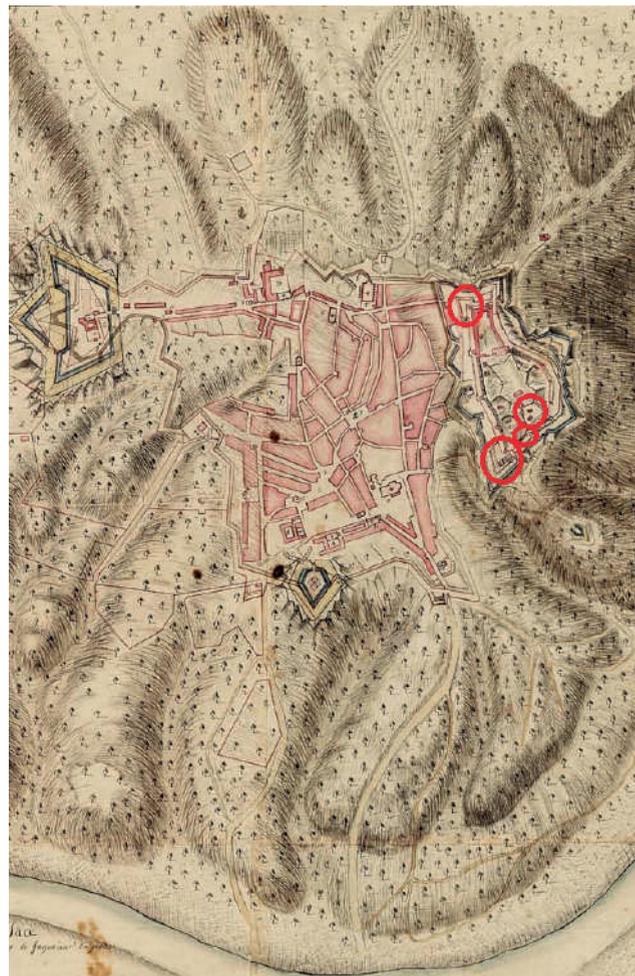


Fig. 25 | Mapa de Abrantes de 1731. Os círculos assinalam a campanha de obras seiscentista: os dois baluartes, a muralha sul (onde se encontra aberta a dita "Porta da Traição") e os dois paióis e o muro que os rodeia.

Além disso, a relação destes dois baluartes com os restantes é anómala, dado que, caso tivessem sido todos construídos numa única campanha, o mais natural seria que tivessem rodeado o castelo, tal como sucedeu em locais como Campo

Maior, Almeida, Elvas. Ora o fato de estarem encostados ao castelo em localizações que lhe permitem intercetar com artilharia uma tentativa de invasão da cidade pelo rio ou pela igreja de São Vicente faz lembrar algumas soluções económicas da Guerra da Restauração de encostar baluartes às muralhas medievais para intercetar ataques inimigos como se vê em Monsaraz, Miranda e Pinhel. Aliás, note-se que o arquitecto responsável pelas obras de 1663-64 no castelo de Abrantes foi Mateus do Couto (Campos 2002: 15), igualmente responsável pelas de Pinhel (Viterbo 1988: 258), pelo que é razoável presumir que tenha adotado a mesma solução em Abrantes. Assim, parece que foi esta solução que foi inicialmente adotada durante a Guerra da Restauração e só no século XVIII é que as restantes zonas da cidade foram rodeadas por uma cintura abaluartada. Por último, a construção destes dois baluartes na Guerra da Restauração, permite compreender melhor por que razão se abriu uma porta na muralha sul: um mais rápido municionamento do baluarte que lhe estava vizinho (o baluarte mais para norte, seria municionado pela porta principal do castelo que ficava nas suas proximidades).

Objetivo 5b: a ocorrência de uma grande quantidade de cerâmica (parte dela de mesa) e telhas de época medieval, bem como de ossos de animais, indicam que havia no castelo um núcleo habitacional de uma certa dimensão, sendo pouco provável que houvesse apenas uma ou outra casa isolada. Este núcleo terá sido abandonado em finais do século XVI, dado o número de cerâmicas a partir deste período diminuir drasticamente.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A.M. (2002) — A Alcáçova de Santarém e os fenícios no estuário do Tejo, In *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: IPM/CMS, pp. 29–35.
- ARRUDA, A.M. (2003) — A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular, In *Estudos Orientais*. Lisboa, 4, pp. 193–214.
- ARRUDA, A.M. (2005) — Orientalizante e pós-Orientalizante no sudoeste peninsular: geografias e cronologias, In *Anejos del Archivo Español de Arqueología. Actas del III Simpósio Internacional de Arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterraneo Occidental*, Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida, vol.1, pp. 277–303
- BAIRRÃO OLEIRO, J. M. (1951) — A propósito de alguns materiais arqueológicos recolhidos no castelo de Abrantes, In *Vida Ribatejana*, n.º especial.
- BATATA, C.; GASPAS, F. (2000) — *Levantamento Arqueológico do Concelho de Vila de Rei*, Abrantes: Fundação para o estudo do Património Arqueológico/Ozecarus Lda.
- CAMPOS, E. (1995) — *Notas históricas sobre a fundação de Abrantes*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.
- CAMPOS, E. (2002) — Nota sobre o castelo de Abrantes, In MORATO, Manuel, *Memória Histórica da Notável Vila de Abrantes*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes, pp. 14–17.
- CANDEIAS SILVA, J.; BATISTA, Á.; GASPAS, F. (2009) — *Carta Arqueológica do Concelho de Abrantes*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.
- CORREIA, S.; OLIVEIRA, J. C.; SANTOS, A. I. (1988) — Intervenção arqueológica em Santa Maria do Castelo, Abrantes, In *Arqueologia*, 18, Porto: GEAP.
- DELFINO, D.; PORTOCARRERO, G. (2013) — *Museu Ibérico de Arqueologia e Arte de Abrantes. Antevisão v*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.
- DELFINO, D.; OOSTERBEEK, L.; BAPTISTA, J.; GOMES, H.; BELTRAME, M.; CURA, P. (2013) — A Proto-História no Conselho de Mação: novas investigações, novas abordagens, novos dados, In CRUZ, A.; GRAÇA, A.; OOSTERBEEK, L.; ROSINA, P. (eds.) *Iº Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo*, Arkeos, 34, Tomar: CEIPHAR, pp. 181–194
- DELFINO, D.; CRUZ, A.; GRAÇA, A.; GASPAS, F.; BATISTA, A. (2014) — A problemática das continuidades e descontinuidades da Idade do Bronze no Médio Tejo Português, In SOARES LOPES, S. (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal, os dados e os problemas. Atas da Mesa Redonda Nacional de Abrantes*, Antrope, série monográfica 1, pp. 147–202
- MORATO, M. (2002 [1860]) — *Memória Histórica da Notável Vila de Abrantes*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes
- OLEIRO, D. (1952) — *Abrantes, Cidade Florida*, Abrantes: C.M. de Abrantes e Grémio da Lavoura.
- PORTOCARRERO, G. (2013) — O castelo de Abrantes durante a Idade Moderna, In *Actas das II e III Jornadas Internacionais do MIAA*, Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes, pp. 161–170.
- VITERBO, F. M. S. (1988) — *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, vol. I, Lisboa: IN/CM